

CORRENTES SEMÂNTICAS - PARTE I

META

Apresentar um rápido percurso sobre alguns dos principais autores e conceitos da Semântica Formal e da Semântica Histórica.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- identificar o foco de atenção de cada uma das correntes teóricas estudadas;
- reconhecer as principais características de cada um desses tipos de viéses semânticos;
- diferenciar o “modo” de tratamento do significado nas teorias consideradas.

PRÉ-REQUISITOS:

Para iniciar bem a leitura desta aula, que tal visitar a pg. 29?!, Certamente você gostará do que vai encontrar...

INTRODUÇÃO

Como vimos na aula passada, o significado, embora de discussão jovem nos estudos linguísticos, já era foco de atenção dos grandes filósofos na Grécia Antiga, com as calorosas discussões sobre a relação entre as palavras e as coisas que elas significavam efetuadas por analogistas e anomalistas. Igualmente, entre outras questões, mostramos como o significado ainda é um fenômeno de tão difícil definição e, por que não dizer, “sem definição” exata até os dias de hoje, não foi? Pois bem, essa singularidade é decorrente de uma multiplicidade. “Como assim?”, você poderia nos perguntar. Sim, a multiplicidade de perspectivas do significado representa uma das razões para a tarefa tão complexa de defini-lo. Ou seria o contrário? Ih, até parece a velha história do ovo e da galinha. Bom, nem sempre há muita lógica... Apesar de falarmos dessa maneira, ‘lógica’ é uma das palavras-chave de uma das abordagens semânticas mais conhecidas – a Formal. Resumindo: a aula 2 volta sua atenção para 2 (dois) dos tipos de Semântica mais estudados na atualidade: i) Formal; ii) Histórica. Evidentemente, por uma questão espaço-temporal, as abordagens aqui suscitadas terão um caráter bem genérico. Que tal começarmos a leitura?

TEORIAS SEMÂNTICAS

Como dissemos há pouco, faremos uma pequena exposição sobre duas (dois) abordagens semânticas. A primeira delas será a Semântica Formal. Vamos lá!!!

SEMÂNTICA FORMAL

Da Idade Antiga, quando do trabalho dos filósofos gregos sobre o significado das palavras, até os dias de hoje, quando mais e mais estudos sobre esse objeto começam a ganhar um espaço de destaque no rol dos estudos linguísticos, a influência desses gênios da humanidade se mostra visível nas pesquisas semânticas, especialmente no campo da Semântica Formal. Como assim? Calma, vamos conversar sobre isso!

Ora, um interesse que sempre esteve como ponto de discussão entre os gregos foi a lógica, melhor dizendo, a análise formal de sentenças. Aristóteles, por exemplo, fez largo uso de silogismos, ou seja, um modo dedutivo de raciocínio formado por três proposições: duas premissas (uma maior e outra menor) e uma conclusão. Para ilustrar nossa fala, destacamos a seguir o clássico exemplo aristotélico:

PREMISSA: Todo homem é mortal.
PREMISSA: Sócrates é homem.
CONCLUSÃO: Sócrates é mortal.

Aqui, o raciocínio é o seguinte: se duas premissas são verdadeiras, a conclusão necessariamente é verdadeira, independentemente do conteúdo nela veiculado. Ai, ai, ai, ai, nossos neurônios podem gravar essa fórmula e começar a nos dar ideias interessantes (ver Box), mas vamos ao que importa agora. Tomando como base essa fórmula aristotélica, vejamos o seguinte exemplo:

PREMISSA: Todo estudante da Universidade Federal de Sergipe é esforçado.
PREMISSA: Ana Carla é estudante da Universidade Federal de Sergipe.
CONCLUSÃO: Ana Carla é esforçada.

Sem muitos comentários, porque nosso propósito não é empreender uma polêmica sobre o assunto, bem sabemos que a primeira premissa, chamada de maior, é falsa, porque nem todo estudante da Universidade Federal de Sergipe é esforçado, não é mesmo?

Bom, a observação desse tipo de sentença fez nascer, em alguns filósofos do início do século XX, a preocupação com o ‘valor de verdade’ das sentenças, um dos carros-chefe da Semântica Formal.

Antes de tecermos quaisquer observações sobre esse conceito, convém dizermos que o surgimento dessa investigação formal como parte de uma teoria semântica maior muito deve à publicação, em 1975, da gramática Montague Grammar, desenvolvida pelo filósofo Richard Montague. Mais tarde, essa gramática foi modificada e trabalhada por linguistas, filósofos e lógicos, ao tempo em que a Semântica Formal passou a ocupar um lugar importante nas pesquisas linguísticas.

Retomando o foco de nosso penúltimo parágrafo, ao lado da concepção de teoria de modelos em semântica e da centralidade no princípio da composicionalidade de Frege, o conceito de ‘condições de verdade’, como nos lembra Cançado (2008), tem ocupado um espaço privilegiado nesse tipo de estudo do significado.

Mas, o que representam esses conceitos? Tentemos explicar. Respeitando a ordem acima, falemos do conceito de “condições de verdade”. Que isso quer dizer? Costuma-se responder a esse questionamento a partir de um outro, O que faz uma proposição ser verdadeira ou falsa, e os estudiosos frequentemente afirmam que saber “as condições de verdade de uma sentença não é igual a saber se a sentença é verdadeira ou falsa” (BORGES NETO, 2003, p.17).

Grosso modo, o autor destaca o fato de ser possível “saber quais as condições que tornam uma sentença verdadeira e, ao mesmo tempo, não se saber se sentença é verdadeira ou falsa”. (OLIVEIRA, 2008, p. 36). Para ilustrar esse peculiar, Cançado (2008) apresenta o seguinte exemplo:

(1) O número de grãos de areia dentro desta garrafa está na casa dos 100 mil.

Como aponta a autora, para a identificação das condições de verdade dessa sentença, o procedimento é simples: ela será verdadeira se, e somente, o número correspondente a grãos de areia da garrafa estiver na casa dos 100 mil. Agora, o reconhecimento da verdade ou falsidade dessa mesma sentença depende de uma conferência/contagem desses grãos, algo que é praticamente impossível de realização. Como podemos atestar, isso confirma a fala destacada por Oliveira (2008) no parágrafo anterior, não é mesmo?

No que diz respeito à concepção de teoria de modelos, convém chamarmos a atenção para o entendimento do próprio termo “modelo”, reconhecido como uma “representação de um esquema de um objeto ou de um sistema complexo, que tem como objetivo facilitar a compreensão desse mesmo sistema” (CANÇADO, 2008, p.141).

Desta feita, para a descrição de um sistema complexo, os linguistas lançam mão de um outro mais simples, com características próximas que servirá como modelo. Se o resultado de sistema simples para a descrição de um sistema complexo for positivo, o modelo passa a ser encarado como adequado; se for negativo, a recíproca é verdadeira, passa a ser encarado como inadequado e, portanto, é descartado. Dessa perspectiva, entendendo as línguas formais como menos complexas que as naturais, os semanticistas costumam valer-se de modelos simples (próximos dos que são usados na interpretação das línguas naturais) para sua descrição.

Nesse sentido, seguidores dessa linha de pensamento lidam com fenômenos linguísticos a partir de noções lógicas, algébricas, por assim dizer. Trata-se, pois, de um projeto voltado a aplicar as técnicas da semântica formal à análise das línguas naturais. Como essas técnicas envolvem muita álgebra e lógica, a semântica formal deixa os filósofos à vontade, mas permanece pouco atraente para muitos estudantes e professores da área de Letras, que preferem estudar os fenômenos semânticos sob a ótica da linguística ao invés de os estudarem sob o ponto de vista filosófico. (OLIVEIRA, 2008, p. 46)

Já o cerne do conceito de ‘composicionalidade’ de Frege diz respeito à ideia de que “O significado de um todo é a função do significado de suas partes”. Assim, se identificarmos o significado das partes de uma sentença e reconhecermos as regras que explicitam a combinação dessas partes, somos capazes de deduzir o significado de toda a sentença.

Pela breve exposição da essência desse tipo de abordagem, claro que você já deve ter percebido que a Semântica Formal não está imune a críticas, não é mesmo? Bom, isso é fato, mas não se pode tirar dela a importância que teve e tem para o estabelecimento de outras teorias, que propõem outros modos de ver o estudo do significado. Agora, vejamos um pouco da perspectiva conhecida como “Semântica Histórica”.

SEMÂNTICA HISTÓRICA

Como o próprio nome sinaliza, a abordagem feita pela Semântica Histórica relaciona-se ao estudo histórico do significado. Tal tendência é visível nos trabalhos de dois nomes importantes: Christian Karl Reisig e Michel Bréal. Esses estudiosos, sem dúvida, contribuíram de modo bastante singular para consolidar o estudo do significado à luz de uma perspectiva linguística e não apenas filosófica.

De acordo com Marques (2003), foi por volta de 1825 que o primeiro desses autores incluiu, ao lado da etimologia e da gramática, a semasiologia em seu curso. No seu entendimento, a semasiologia tinha caráter historicista e, como tal, deveria preocupar-se com o exame das modificações sofridas pelo significado das palavras com o passar dos anos.

Como nos lembra Oliveira (2008), o termo ‘semasiologia’ não ganhou muita popularidade e logo cedeu vez para o surgimento do termo ‘semântica’, usado inicialmente em 1883 por Michel Bréal, momento em que define uma nova ciência, a das significações. A propósito, eis as suas palavras:

O estudo que propomos ao leitor é de natureza tão nova que nem chegou ainda a receber nome. A preocupação da maioria dos linguistas tem-se voltado sobretudo para a análise do corpo e da forma das palavras: as leis que presidem às alterações de sentido, à escolha de novas expressões, ao nascimento e à morte das locuções foram deixadas à margem ou apenas acidentalmente assinaladas. Com este estudo, do mesmo modo que a fonética e a morfologia, merece ter seu nome, nós o chamaremos semântica (do verbo *semaínen*), isto é, a ciência das significações. (BRÉAL, 1883 apud MARQUES, 2003, p. 33)

À maneira da semasiologia desenvolvida por Reisig, a proposta de Bréal apresenta caráter historicista, à medida que procurava estudar as mudanças semânticas sofridas pelas palavras. Como apontam Rector e Yunes (1980), sua semântica “consiste no estudo da causa e da estrutura dos processos de mudança, na significação das palavras. Portanto, o enfoque de Bréal é diacrônico” (RECTOR; YUNES, 1980, p.22). Ainda segundo as autoras, ao tratar da mudança de significação, Bréal propõe as seguintes categorias: i) aumento e redução da significação; transferência de sentido; deformação de sentido.

Para Marques (2003),

Ainda que condicionada à visão historicista e limitada ao plano lexical, a disciplina semântica proposta por Bréal abria caminho para que fossem superados os rígidos princípios mecanicistas dos neogramáticos e a concepção de língua como fenômeno físico, incorporando à linguística o estudo dos aspectos conceituais da linguagem. (MARQUES, 2003, p.33)

Tamanha é a importância do trabalho de Bréal que seu nome costuma ser tomado como divisor de águas para a história dos estudos semânticos. Kurt Baldinger (apud GUZMÁN, 2000) destaca três etapas principais: i) denominada de “subterrânea”, a primeira etapa vai dos estudos desenvolvidos pelos antigos gregos até Bréal; ii) a segunda etapa inicia com Bréal e segue até 1950, período em que os estudiosos da área de Linguística não julgavam ser possível lidar com o estatuto científico da Semântica; iii) a terceira inicia a partir dos anos de 1950, quando começam a surgir as tentativas científicas do trabalho com a Semântica.

Grosso modo, podemos dizer que, nas primeiras décadas do século XX, a orientação dos estudos semânticos tomava a comparação do significado das palavras como ponto de partida para suas análises. Como realça Marques (2003), as alterações de sentido sofridas pelas palavras eram agrupadas em três grupos principais: restrição, extensão e transposição de significados.

Ora, como os seus respectivos nomes denotam, temos restrição quando, no processo de sua evolução, uma palavra diminui o número de seus referentes; analogamente, quando ela passa a veicular novos referentes em relação a épocas anteriores, dizemos que ocorreu a extensão de significados; por fim, temos transposição de significados se, por influências de ordem diversa, uma palavra passar a apresentar um novo conjunto de planos conceituais. Pelas informações que você tem sobre formação da língua portuguesa, já deve estar imaginando o quanto isso aconteceu com nossas palavras, não é mesmo? Pois bem, para ganharmos tempo, vejamos alguns poucos casos apontados por Marques (2003).

A autora chama a atenção para palavras como acidente, fatalidade, fortuna, sorte, sucesso e destino, que a princípio tinham como significado básico um evento/acontecimento de caráter casual, com valor positivo ou negativo. Com o passar dos anos, acidente e fatalidade assumiram uma restrição com sentido negativo (algo ruim, desastroso), fortuna, sorte e sucesso, ao contrário, passaram a ter uma acepção positiva (acontecimento bem-sucedido), ao tempo em que destino expandiu seu significado, deixando de significar apenas “evento decorrente de um acaso” e passando a denotar, também, ‘futuro’, ‘direção’, ‘objetivo’, ‘tipo de aplicação’, ‘caminho’...

Igualmente, Marques (2003) destaca a transferência de significados do termo ‘pé’, que, partindo do seu significado inicial (parte do corpo que

sustenta o corpo no chão) gradativamente passou a designar a base, a parte inferior que sustenta os objetos (pedestal, mesa, montanha), a parte oposta à cabeceira da cama, apoio, situação, entre outras. Além disso, o termo ‘pé’ aparece em número significativo de locuções (pé de boi, pé de galinha, pé de meia, etc.).

Para Meillet (1965 apud MARQUES, 2003), as mudanças semânticas estão relacionadas a três causas principais: linguísticas, históricas e sociais. Entre essas encontram-se o contágio, manifesto de forma mais corriqueira por meio da elipse, ou seja, a omissão, num lexema inicialmente composto (duas palavras), de uma palavra e a conseqüente transferência de seu significado para outra. Como assim?!

De modo bastante didático, Oliveira (2008) realça o exemplo do lexema ‘caderneta de poupança’, que, na década de 1960, era usado tão somente para se referir a um tipo de conta bancária cuja movimentação era anotada em um caderno. Como destaca o autor, mesmo com o advento da internet, que de certo modo dispensa essas anotações, e com a preferência pelo emprego de ‘poupança’, ainda há no Brasil pessoas que usam o termo ‘caderneta’ quando da referência a esse tipo de conta. Evidentemente, daqui a algumas décadas, esse uso pode ter totalmente desaparecido do nosso convívio...

Além desses exemplos, o autor destaca casos como os de ‘batatas fritas’, em que o adjetivo ‘fritas’ vem sendo usado com valor de substantivo nos cardápios brasileiros (em pratos como ‘filé com fritas’, por exemplo) e ‘porta-malas’, que gradativamente foi substituído por ‘mala’ (que passou a designar também o compartimento dos carros onde se guarda bagagem), numa relação clara de contágio.

Para evitarmos uma lista tão numerosa (porque isso pode ser fruto de pesquisa discente, não é mesmo?!), convém chamarmos a atenção para um outro tipo de causa das mudanças semânticas: a psicológica. Destas, o tabu é a mais comum. Aliás, isso parece bastante explicável, afinal, toda vez que a emissão de uma palavra é julgada como um perigo, o falante tende a mascarar o seu significado a partir de uma forma equivalente, de modo suave, eufêmico. É o que acontece quando chamamos um ‘cego’ de ‘deficiente visual’, por exemplo, porque é politicamente mais correto.

Nesse sentido, podemos dizer que os tabus colaboram para a mudança semântica. Entre esses tabus, podemos destacar os de medo (quem aqui nunca se referiu à AIDS ou ao câncer como ‘aquela doença?!’), os de delicadeza (como chamar a empregada doméstica de ‘secretária’) e o de decência (como os inúmeros apelidos que são usados para os órgãos genitais: pinto, pipiu, cheirosa e outros). Já tinha pensado nisso?! É algo extremamente automático, porque somos educados, entre outras coisas, para a polidez...

Outras fontes constantes de atualizações semânticas estão ligadas ao uso de metáforas, tradicionalmente entendidas como comparações por expansões de significado (‘Joana é uma flor’, por exemplo), e metonímias,

que dizem respeito às substituições de um nome por outro com o qual compartilha característica. Sem dúvida, tais conceitos merecem de nós um pouco mais de atenção, mas isso será feito na aula 4, quando estudaremos outros conceitos semânticos igualmente relevantes.

Evidentemente, poderíamos ficar aqui nos lembrando (e recorrendo a dicionários e/ou livros de história da língua portuguesa) de vários casos interessantes, em que nós temos mudanças ocasionadas tanto pelo valor positivo quanto negativo que as palavras adquirem ao longo do tempo, mas o trabalho é árduo e nosso intuito é apenas apontar caminhos, mostrar de modo bem geral que tipo de trabalho é desenvolvido nessa linha de atuação de estudos semânticos.

CONCLUSÃO

E agora? Que mais a dizer? O óbvio: o assunto de nossa aula não se esgota nesta concisa revisão... Mesmo porque, de Aristóteles até às considerações feitas aqui, poderíamos ter incrementado mais e mais informação... Do exposto, vale reafirmar a importância que cada um desses tipos de Semântica, a seu modo, tem para os estudos linguísticos.

A abordagem da Semântica Formal (é bem verdade) parece mais árida e, por isso, tem se mostrado pouco atraente para muitos estudiosos das letras; a Semântica Histórica, mesmo com sua grande contribuição em levantar as causas das mudanças semânticas, também recebeu muita crítica de seus sucessores, sobretudo porque seus trabalhos se voltavam para palavras isoladas. Aliás, isso não é nada incomum nas ciências, muito pelo contrário, das críticas costumam nascer novas perspectivas de observações. Assim é que surgem novos modelos teóricos, caso dos demais tipos de semântica que serão tratadas na aula seguinte, por exemplo. Até lá!

RESUMO

Na aula de hoje, vimos um pouco sobre duas correntes semânticas: a Formal e a Histórica. Assim, remontamos a um período bastante antigo, que tem início com os estudos pioneiros realizados por Aristóteles, para quem a lógica sempre ocupou um lugar importante, graças ao trabalho que fez com o uso de silogismos, um modo dedutivo de raciocínio formado por três proposições (duas premissas e uma conclusão). Na sequência, destacamos como alguns filósofos do século XX, apoiados nessas observações de natureza lógica do mestre grego, passaram a demonstrar interesse, entre outros, no conceito de 'valor de verdade' de uma sentença, que ao lado da concepção de teoria de modelos e da ênfase ao princípio da composicionalidade, constitui um dos carros-chefe da Semântica Formal. Depois, voltamos a atenção para a abordagem conhecida



como Semântica Histórica. Então, realçamos os nomes Christian Karl Reisig e Michel Bréal, que dedicaram parte de suas vidas ao estudo do significado. O primeiro, por volta de 1825, incluiu ao lado da etimologia e da gramática a semiologia (de caráter historicista, com preocupação ao exame das modificações sofridas pelas palavras) em seu curso. Ao segundo coube, em 1883, a criação do termo ‘semântica’ e a definição do objeto de uma nova ciência, com foco para a significação. Nesse peculiar, destacamos em que medida Bréal é considerado um divisor de água para o estudo do significado, graças ao trabalho incansável que fez sobre as alterações de significados sofridas pelas palavras por meio de processos distintos: restrição, extensão e expansão. Por fim, apresentamos o fato de o contágio (eclipse) e o tabu (de medo, delicadeza ou decência) poderem ser causas importantes para as mudanças semânticas.

ATIVIDADES

Lápis, papel e muita concentração porque é hora de fazermos exercícios!!! Eis as questões:

1. Por que costumamos dizer que nem todo silogismo (como vimos, raciocínio lógico formado por três proposições – duas premissas e uma conclusão) tem uma conclusão verdadeira? Apresente exemplos.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

R = Ora, até sem a leitura concreta da aula você responde a esta pergunta, não é mesmo?! As situações apresentadas na nossa seção “Curiosidades” bem ilustram esse caso. De todo modo, vamos ao comentário: as pessoas têm usado, cada vez com mais frequência e malícia, a fórmula aristotélica para criar “sofismas”, ou seja, a deturpação de premissas que trazem verdades aparentes para exibir uma mentira como conclusão legítima. Para você rir um pouco, eis um outro exemplo: “Quem trabalha muito, erra muito; quem trabalha pouco, erra pouco; quem não trabalha, não erra nada; quem não erra nada, é promovido”.

2. Dos conceitos trabalhados aula, destacam-se os de restrição, expansão e transferência de significados tratados por Bréal. Visite a biblioteca da sua cidade ou, preferencialmente, as da nossa universidade (São Cristóvão, Itabaiana e Laranjeiras) e pesquise, em livros de filologia, história da língua ou iniciação à Semântica, exemplos dessas categorias. (Resposta pessoal)

RICHARD MONTAGUE (1930 – 1971)



Filósofo da linguagem norte-americano nascido em 1930 e falecido em 1971. Apesar de se ter especializado em Lógica e em Filosofia, Montague exerceu grande influência sobre os estudos linguísticos nas décadas de 70 e de 80 do século XX, após ter desenvolvido um modelo de semântica formal aplicado à linguagem natural. Este modelo, publicado em apenas três livros (*Universal Grammar*, 1970, *English as a formal language*, 1970, e *The Proper Treatment of Quantification in Ordinary English*, 1973), ficou conhecido como a "gramática de Montague" e pretendia demonstrar que as línguas naturais eram muito semelhantes às linguagens formais. O seu modelo surgiu num momento em que a semântica gerativa proliferava. A sua novidade em relação ao modelo trazido pelos linguistas de inspiração chomskiana assentava numa perspectiva integrada da sintaxe e da semântica. O trabalho de Montague tem sido recentemente divulgado e explicado a uma nova luz por Barbara Partee, linguista americana, a partir da publicação de *Montague Grammar and Transformational Grammar* (1975).

(Fonte: [www: <URL: http://www.infopedia.pt/\\$richard-montague>](http://www.infopedia.pt/$richard-montague)).

CURIOSIDADES

Será que temos trabalhado demais? Pare, pense e observe o raciocínio abaixo...

PERGUNTA: Quantas horas você trabalha durante o dia?

RESPOSTA: 8 horas.

PERGUNTA: Quantas horas tem o dia?

RESPOSTA: 24 horas.

EXPLICANDO: O ano tem 365 dias de 24 horas. Se você trabalha 8 horas por dia, Você trabalha $\frac{1}{3}$ do dia, $\frac{1}{3}$ de 365 dias são 121. Até agora você trabalha 121 dias por ano.

PERGUNTA: Quantos domingos há no ano?

RESPOSTA: 52?

EXPLICANDO: 121 dias (horas) menos 52(domingos) são 69. Até o momento você trabalha 69 dias por ano.

PERGUNTA: Quantos dias de férias você tem durante o ano?

RESPOSTA: 30 dias?

EXPLICANDO: 121 dias (horas) menos 52 (domingos) menos 30 (férias). Até o momento você trabalha 39 dias por ano.

PERGUNTA: Quantos feriados tem durante o ano?

RESPOSTA: 12 dias?

EXPLICANDO: 121 dias (horas) menos 52 (domingos) menos 30 (férias) menos 12 (feriados). Até o momento você trabalha 27 dias?

PERGUNTA: Caso você trabalhe no sábado é só meio período, não é? Somando o meio período de cada sábado dá 26 dias?

EXPLICANDO: 121 dias (horas) menos 52 (domingos) menos 30 (férias) menos 12 (feriados) menos 26 (sábados). Até o momento somando e diminuindo tudo você trabalha apenas 1 dia.

Você deve estar pensando “fiz a conta e mesmo assim eu ainda trabalho 1 dia”. Isto não é verdade, o dia que falta é o dia do trabalho. Agora você deve saber que não trabalha nenhum dia por ano.

<http://br.oocities.com/jerrypresley/anotrabalho.htm>

2. Regras têm exceções?

Toda regra tem exceção. Isto é uma regra. Logo, deveria ter exceção. Conclusão: nem toda regra tem exceção.

3. Bêbado vai para o céu?!

Quando bebemos, ficamos bêbados. Quando estamos bêbados, dormimos. Quando dormimos, não cometemos pecados. Quando não cometemos pecados, vamos para o céu. Conclusão: vamos beber para ir pro céu!

(Fonte: <http://piadasfrogradioativo.blogspot.com/2009/03/silogismos-by-mr-dottoly.html>).

E aí? Você concorda com esses raciocínios? Será que não trabalhamos 1 dia sequer? Será mesmo que é preciso beber álcool para irmos ao céu?! Bom, há alguma mentira nisso tudo, não é mesmo?

Pois bem, tentemos entender. Muitas pessoas, por malícia ou simples criatividade, deturpam um fórmula lógica bastante antiga, a do silogismos. O sábio Aristóteles, grande nome dos estudos lógicos, propunha esse raciocínio: partindo-se de uma premissa maior, uma afirmação de cunho genérico e verdadeiro, para uma premissa menor, algo particularizado, a conclusão é igualmente verdadeira. (Todo homem é mortal / Sócrates é homem/ Sócrates é mortal). Como dissemos, a partir desse raciocínio, muitas pessoas distorcem os postulados e geram falsos pensamentos.

Assim, escolhem uma meia-verdade e a tomam como premissa maior, para reforçar uma mentira como verdade. Eis o que acontece nos casos acima apontados. Tal estratégia é chamada de sofisma. A essa altura, você já deve estar pensando coisas do tipo: “isso é a cara dos políticos”, “ah, há bastante piadas originadas a partir daí”, “os humoristas fazem largo uso disso tudo”... Bom, se pensou, tem plena razão, afinal... Agora, a sugestão é iniciar a leitura da aula. Avante!

JULES ALFRED MICHEL BRÉAL (26 DE MARÇO 1832-1915)



Francês, filólogo, nasceu em Landau em Reno Baviera. Ele é frequentemente identificado como um dos fundadores da moderna semântica.

Depois de estudar em Weissenburg, Metz e Paris, entrou para a École Normale Supérieure, em 1852. Em 1857, foi para Berlim, onde estudou sânscrito com Franz Bopp e Weber. No seu regresso a França, obteve

um compromisso do departamento de manuscritos orientais na Bibliothèqu Impériale. Em 1864, ele se tornou professor de gramática comparativa no Collège de France, em 1875, membro da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, em 1879, général inspecteur para o ensino superior até a abolição do cargo em 1888. Em 1890 ele foi nomeado comandante da Legião de Honra.

Entre suas obras, que tratam principalmente de temas mitológicos e filológicos, podem ser mencionadas:

- *L'Etude des origines de la religion Zoroastrienne* (1862), para o qual foi concedido um prêmio a ele pela Académie des Inscriptions
- *Hercule et Caco* (1863), em que contesta os princípios da escola simbólico na interpretação dos mitos
- *Le Mythe d'Édipo* (1864)
- *Tabelas Eugubines Les* (1875)
- *Mélanges de mythologie et linguistique de* (2^a ed., 1882)
- *Leçons de mots* (1882, 1886)
- *Dictionnaire étymologique Latina* (1885)
- *Grammaire latine* (1890).
- *Essai de Sémantique* (1897), sobre o significado das palavras, que foi traduzido para o Inglês pela Sra. H. Cust com prefácio de JP Postgate.
- A tradução da *Gramática do comparativo Bopp* (1866-1874), com apresentações, que é altamente valorizada.

(Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Michel_Br).

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, continuaremos a falar um pouco sobre tipos de correntes semânticas e então daremos vez às conhecidas ‘Semântica Estrutural’ e ‘Semântica Gerativa’.



AUTOAVALIAÇÃO:

Uma vez apresentado a dois dos tipos de Semântica, sente-se capaz de especular sobre os inúmeros outros conceitos que esta área de conhecimento valida? Pense e tente responder a si mesmo, ok? Ah, lá vai outra sugestão: que tal imaginar que você terá que repassar, como se fosse um seminário acadêmico ao tutor e aos colegas, o que representa cada um desses tipos de Semântica?! Vamos tentar?! Boa sorte!



REFERÊNCIAS

- BORGES NETO, José Jorge. Semântica e modelos. In: MÜLLER, A.L.; NEGRÃO, E. U.; FOLTRAN, M. J. (Org.). **Semântica formal**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9 – 46.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2 ed. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2008.
- GUZMÁN, Laura. Valores semânticos del término semántica – Su alcance y límites. In: HERNANDEZ, Marcos et al (orgs.). Cien años de investigación semántica: de Michel Bréal a la actualidad. Vol. 1. Madri: Ediciones Clásicas, p. 543 – 556.
- MARQUES, Maria Helena Duarte Marques. **Iniciação à semântica**. 6 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de semântica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 20008.
- RECTOR, Mônica; YUNES, Eliana. Manual de semântica. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1980.
- TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. (Tradução: Rodolfo Ilari; Revisão técnica: Ingedore Villaça Koch e Thais Cristófaró Silva). São Paulo: Contexto, 2004.